



**Presidente da Republica:**  
Fernando Henrique Cardoso

**Ministro da Educação e do Desporto:**  
Paulo Renato Sousa

**Secretário Executivo:**  
Luciano Oliveira Patrício

**E ASSIM  
COMEÇOU A HISTÓRIA  
QUE JÁ HAVIA COMEÇADO**



**Secretaria de Educação Fundamental:**

Iara Glória Areias Prado

**Diretor de Política de Educação Fundamental:**

Walter Kiyoshi Takemoto

**Coordenadora Geral De Apoio às Escolas Indígenas:**

Ivete Maria Barbosa Madeira Campos

**Endereço:**

MEC/SEF/DPEF

Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas

Esplanada dos Ministérios, Bloco "L" Sala 626

CEP: 70.047-900 - Brasília/DF

Tel: (61) 410 8630/410 8997

Fax: (61) 410 9274

e-mail: [cgai@sef.mec.gov.br](mailto:cgai@sef.mec.gov.br)

**APEART**

**Associação Projeto Educação do Assalariado Rural  
Temporário**

**Diretoria Executiva**

Francisco Carlos Moreno

Isabel Cristina Diniz

**Coordenação Político-Pedagógica**

Wagner Roberto do Amaral

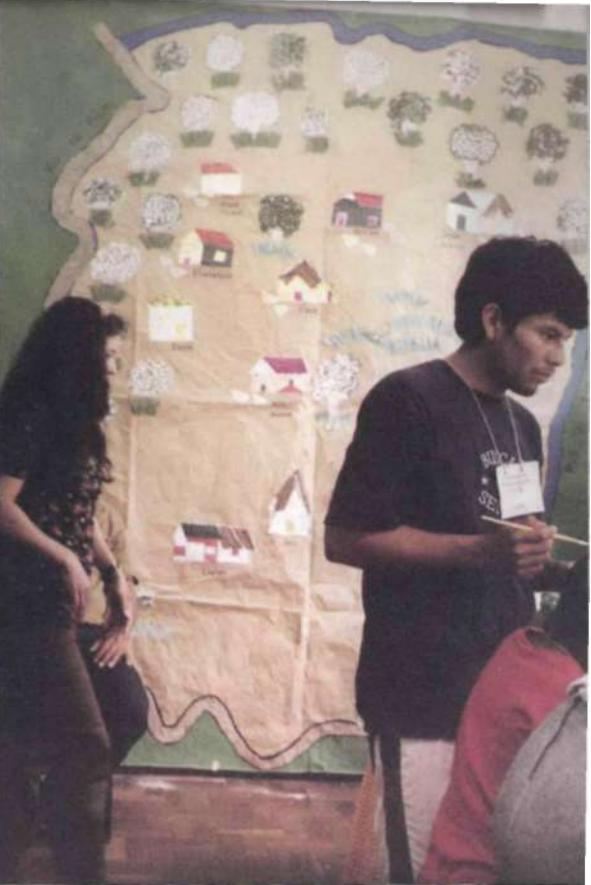
**Coordenação do PERI - Projeto Educação Reviver Indígena**

Vilma Aparecida dos Santos

Gisélia Duarte Dias

E assim começou a história que já havia começado. /  
Associação Projeto Educação do Assalariado Rural  
Temporário. - Londrina: APEART; PERI; [Brasília]:  
MEC, 1999. 63p.: il.

1 .Cultura Indígena 2.Educação Escolar Indígena  
I. Título.





## COMISSÃO EDITORIAL

*Gisélia Duarte Dias  
Nilza Fernandes Batista da Silva  
Olívio Zeferino da Silva  
Sélia Ferreira Juvêncio  
Vilma Aparecida dos Santos  
Wagner Roberto do Amaral*

## AUTORES

*\*Acacio Teiê  
Cláudio Novéj Marcolino Galdino  
Cíou Pereira de Souza  
Cleunice Kósãnh Galdino  
Dionísio Amaral  
Edinéia Aparecida de Jesus Ferreira  
Jefferson Abreu de Oliveira  
Isaías Kagre Felisbino  
Ivone dos Santos  
Jandira Grisãnh Felisbino  
João Cândido da Silva  
Jorge Rir de Almeida  
Manoel Novéj Mág Felisbino  
Pedro K. K. de Almeida  
Reginaldo Campolim  
Samuel Priprá  
Silvio Pen Ó Marcolino  
Sônia Amaral  
Vanderson Lourenço*

*\*In memoriam*



## PARTICIPAÇÃO ESPECIAL PROFESSORES

*Altair Makoski  
Carlos Roberto Borini Ferreira  
Chateaubriand Nunes Amãncio  
Déa Maria Ferreira Silveira  
Edilaine Maricato  
Edmilson Lenardão  
Francisca Tavares  
José Augusto Pereira da Silva  
José Carlos Cordeiro de Jesus  
Leila Maria Faria Marques  
Maria Dolores Zundt  
Nécio Turra Neto  
Nilza Fernandes Batista da Silva  
Olívio Zeferino da Silva  
Paulo Fernando Barbieri  
Paulo Sérgio Guedes  
Rosinês Tomazoni  
Sélia Ferreira Juvêncio  
Simone de Melo  
Silvio Alves  
Váldirene Maria dos Santos  
Valquiria Garrote  
Vera Lúcia Balh de Oliveira  
Vilma Aparecida dos Santos*

## ILUSTRAÇÃO

*Cláudio Novéj Marcolino Gaidino  
Cleunice Gaidino  
Dionisio Amaral  
Edmilson Priprá  
Edinéia Aparecida de Jesus Ferreira  
Edson Priprá  
Eliseu Campolim  
Isaias K. Felisbino  
João Cândido da Silva  
João Maria Jorge  
João Santos  
Laudicéia Priprá  
Margarida Nirãg Tánh Adolfo  
Pedro K. K. de Almeida  
Reginaldo Campolim  
Silvio Pen Ó Marcolino  
Sônia Amaral  
Vanderson Lourenço  
Wagner Mendes Rodrigues*

*Copy-desk  
Washington César F. Costa  
Capa  
Cláudio da Costa*

## AGRADECIMENTOS

*Agradecemos a todos aqueles, que de maneira direta ou indireta, contribuíram para realização deste livro. Em especial ao Pe. Dirceu Luiz Fumagálli que tanto contribuiu com o Projeto Educação Reviver Indígena.*

## HOMENAGENS

*Ao aluno Acácio Têie, partindo  
deste mundo, marca sua passagem e  
trajetória cantando sua alegria de  
ensinar e aprender.*

*A todos os índios, de todas as  
nações, que tomaram pela luta e  
resistência na causa das  
comunidades indígenas, escrevendo  
a história desta nossa terra e de  
nosso povo.*

# Sumário

<b>Apresentação.....</b>	<b>11</b>
<b>Sociedades Indígenas no Paraná.....</b>	<b>15</b>
Quem são os Guarani?.....	15
Quem são os Kaingang?.....	16
<b>E assim começou, a história que já havia começado.....</b>	<b>19</b>
O tempo na cultura indígena antes, o mundo não existia.....	19
Ontem o índio tinha um paraíso, hoje o índio só tem uma ruína!.....	21
Ocupação do Brasil.....	23
O Brasil Não Foi Descoberto E Sim Roubado.....	25
Brasil: Terra Invasida.....	26
<b>Assim era nossa terra.....</b>	<b>28</b>
A Natureza.....	30
Assim Era Nosso Céu.....	32
O índio Hoje.....	35
A Visão Que o índio Tem Sobre o índio.....	36
A Visão Que o não-índio Tem Sobre o índio.....	37
<b>Hoje em nossas reservas, encontramos muitos problemas.....</b>	<b>38</b>
Os Problemas da Minha Reserva.....	38
Tipos De Poluição Encontrados na Reserva.....	39
Problema do Alcoolismo na Reserva.....	40
O que é uma Hidrelétrica Dentro da Cultura Indígena.....	42
Existem Alternativas à Construção da Usina Hidrelétrica.....	44
A Construção da Usina Hidrelétrica.....	45
Organização Política Existente na Terra Indígena.....	46
A Cachoeira da Reserva.....	48
A Escola da Vida.....	50
Educação no Brasil.....	51
O Emocionante Broto de Taquara!.....	53
O Computador na Vida do índio.....	54
Minhas Mudanças, Meus Esquecimentos.....	55

Eu Amo a Minha Raça .....56  
Fotos em anexo.....57

## Apresentação

Ūri tóg prỹg tỹ 500 tá krỹg tĩ nĩ, fóg ag tỹ ěg ga tag ki junjun kỹ. Kỹ ag tóg ga tag ve vén ěg he tĩ.

Hã ra tóg ke tũ nĩ, ěg tỹ kanhgág tag ag hã tóg ki nỹtĩ ja nĩ. Prỹg tỹ hen ri ke ki ag tóg ěg tỹ kanhgág tag ag vóg kónãn mũ mỹr hã ra ěg tóg tag kã jatun sór mũ. Kỹ ěg tóg ěg krê ag tỹ vẽnh kanhrãn ke hã to jykrén tĩ ag tỹ ãjag tỹ kanhgág tag kã jatũn tũ nĩ jé. Ag tỹ ũ tỹ ěg tỹ nén han tĩ ěn tỹ tũ ke sór mũ ěn ag kato vãsãn jé.

Vẽnhrá tag vỹ tỹ ěg vãsãn mũ ěn ven vén sór mũ, kỹ ěg tóg vẽnh jykrén há han nĩ he sór mũ ũri ěg tỹ kanhgág tag tó. Hã kỹ ěg tóg vẽnh kanhrãn há han sór mũ, mỹr tag hã tóg ěg tỹ kanhgág tug ag tỹ mũ há, han sór mũ.

*Sélia Ferreira Juvêncio*  
*Professora Kaingang*

Konhavâ guatiã o sênvá.  
Karaí nhe-ênh iporan nhadevé âe d'jai-gua-â ve rra guan nhaderaypeguan  
rar.avé.

*Carlos Cabreira*  
*Professor Guarani*

Gerado em meio às reivindicações e necessidades das comunidades indígenas do estado do Paraná, o PERI - Projeto Educação Reviver Indígena surge como uma resposta ao desejo dos jovens e adultos indígenas de continuarem a sua escolarização.

Este desejo - por eles expressado através dos pedidos encaminhados à APEART- Associação Projeto Educação do Assalariado Rural Temporário, nas reuniões com as lideranças indígenas, nos cursos de capacitação realizados, nas reuniões de planejamento com os próprios alunos e comunidades, nas aulas dentro e fora do espaço escolar - foi se ampliando e construindo-se através do trabalho pedagógico cotidiano. Um desejo que pauta-se *no olhar cotidiano da vida na aldeia, das impressões e constatações das diferenças sociais e econômicas do universo da cidade, nas necessidades de sobrevivência social, econômica e cultural da vida e dos valores indígenas, na defesa do território, na diversidade histórica e social das comunidades kaingang, guarani e xockleng, no resgate e no fortalecimento da língua como instrumento de luta e resistência, nos projetos de futuro das comunidades e nas expectativas próprias de cada aluno envolvido.*

Todos estes elementos foram se somando e fundamentando as ações pedagógicas das equipes de professores indígenas bilingües e professores não-indígenas que não pouparam esforços para garantir um processo diferenciado de alfabetização e escolarização dos alunos jovens e adultos indígenas para o ensino supletivo de 1ª à 4ª e 5ª à 8ª séries. Há que se considerar que parte deste público, constitui-se em professores indígenas não-habilitados que encontraram no Projeto a possibilidade de continuar sua formação para posterior reconhecimento oficial de seu trabalho.

Este processo de escolarização, desenhado principalmente no trabalho pedagógico realizado pelos alunos indígenas e professores indígenas e não indígenas de ensino de 5ª à 8ª série, se apresenta concretamente neste livro, que se constitui da soma das várias produções textuais e artísticas dos alunos, expressando o conhecimento das diferentes realidades e perspectivas das comunidades indígenas envolvidas.

Este material tem como perspectiva a reflexão sobre a concepção de *tempo* apresentando a análise e compreensão da ocupação do território brasileiro a partir de diferentes pontos de vista. Constata assim, os conflitos e as diferenças que foram se constituindo historicamente neste espaço e

que se expressam na realidade atualmente vivenciada pelas populações indígenas e não-indígenas: os problemas sociais cotidianamente enfrentados, os sonhos, as perspectivas e alternativas para a sobrevivência de sua cultura. Estabelece uma lógica entre passado-presente-futuro a partir da leitura crítica da história oficial, situando o aluno e a comunidade como sujeitos da construção e da manifestação de sua própria história e da história de seu povo.

Com fins de apoio didático pedagógico para o ensino de 1º e 2º graus, este livro objetiva, além do despertar crítico no processo de escolarização dos alunos indígenas, a constatação do potencial dos educandos jovens e adultos que oportunamente se utilizam do espaço escolar para expressar, debater, elaborar, recordar, compreender, manifestar e veicular os seus sonhos, as suas expectativas, sua organização e suas lutas, construídas e vivenciadas no seu chão e na sua realidade.

*Wagner Roberto do Amaral*

## *Sociedades Indígenas no Paraná*

Vivem atualmente no Brasil 206 povos indígenas que falam de cerca de 170 línguas diferentes. No Paraná vivem mais de 10 mil índios que pertencem a dois povos distintos: os Kaingang, da família lingüística Je e os Guarani, da família lingüística Tupi-guarani. Vivem alguns sobreviventes do povo Xetá que desapareceu na década de 60.

### *Quem são os Guarani?*

Quando os portugueses e espanhóis chegaram à costa atlântica encontraram milhares de povos vivendo nas costas do continente. A maior parte das nações falavam a língua Tupi-guarani (do tronco Tupi) e eram conhecidos como Carijós ou Cários. Desapareceram nos primeiros séculos em consequência da escravidão e das epidemias.

Pelo Tratado das Tordesilhas as terras da faixa litorânea seria de Portugal e o restante de Espanha. Por essa razão as nações indígenas que aqui habitavam foram alvo da violência tanto dos portugueses quanto dos espanhóis.

A mais importante forma de conquista utilizada pelos espanhóis foi através da implantação de reduções jesuíticas. A partir de 1610 no Paraná foram fundadas 13 reduções sendo que a maior parte dos índios reduzidos eram falantes do Tupi-guarani mas havia povos que falavam línguas muito diferentes e alguns eram os antepassados dos atuais Kaingang. Os bandeirantes paulistas destruíram essas reduções entre 1628 e 1632. Muitos índios foram mortos, outros fugiram para o sul e um grande contingente foi levado como escravos para São Paulo.

Vivem hoje no Paraná três parcialidades Guarani: os Mbyá, os Nandeva e os Kayoá. Quer dizer, de um lado, pertencem à mesma unidade lingüística e cultural e, de outro, apresentam diferenças internas, tanto de ordem cultural quanto dialetais. É o maior grupo indígena do país com 30 mil pessoas e no Paraná são cerca de duas mil.

A maior parte dos grupos Guarani que vivem atualmente no Paraná vieram em várias ondas migratórias nos séculos mais recentes de regiões mato-grossenses, do Paraguai e da Argentina porque o território guarani é muito extenso e ultrapassa os limites definidos pelos conquistadores.

As migrações guarani têm a ver com as suas crenças religiosas e

com as pressões produzidas pelo contato com o branco. Trata-se da crença na "Terra Sem Mal", lugar mitológico onde se realizam todos os desejos que não podem realizar neste mundo. Essa crença está associada com a crença no fim do mundo e forma o sistema religioso tupi-guarani. Em vários momentos surgiram pajés que profetizaram o fim do mundo e vários grupos saíram em busca dessa "Terra Sem Mal" que, para a maioria, situa-se a leste. Assim, esperava-se alcançar a Terra Sem Mal" antes da catástrofe final.

Hoje vivem em 10 reservas indígenas e são estimados em cerca de 2 mil pessoas.

É importante registrar a presença de alguns indivíduos Xetá, um povo de língua Tupi-guarani que vivia nas matas da Serra de Dourados, na região de Umuarama. Foram "descobertos" em 1952 e nos anos 60 desapareceram como povo. Os sobreviventes, menos de dez, eram crianças àquela época e foram raptados por famílias brancas.

### *Quem são os Kaingang?*

Os Kaingang vivem nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Até o final deste século viveram na Província de Misiones na Argentina. São estimados em 20 mil indivíduos e constituem uma das maiores etnias indígenas no Brasil.

Falam uma língua da família lingüística Je. Nos séculos XVI e XVII viviam mais a leste, isto é, mais próximos ao litoral atlântico. Com as perseguições dos brancos para escravizá-los, foram se interiorizando e se instalaram nos planaltos interiores e fixaram-se densamente nas principais bacias do Paraná, nas mesmas regiões das extintas reduções.

A partir de meados do século passado os Kaingang foram perdendo os seus imensos territórios de caça e coleta. Pelo menos 13 expedições de conquista foram organizadas entre 1768 e 1771 com o objetivo de incorporar as terras a oeste do meridiano de Tordesilhas para o império português. Na verdade se tratava de duas nações européias - Portugal e Espanha - disputando entre si os territórios indígenas.

Em 1859 o primeiro cacique e seu grupo se renderam e passaram a viver no Aldeamento São Jerônimo. Em 1930 os últimos Kaingang que ainda viviam livres nas matas das bacias dos rios Laranjinha e Cinzas foram conquistados.

No Paraná são mais de oito mil kaingang vivendo em onze reservas

ou áreas indígenas. Nessas reservas indígenas criadas pelo governo nacional observa-se a presença de grupos guarani, resultado de políticas indigenistas equivocadas.

Em função da redução de seus territórios de caça e coleta e da devastação das suas florestas, hoje não podem mais viver da economia que combinava caça, pesca, coleta e agricultura. Vivem mais da agricultura, do comércio de artesanato e do assalariamento nas fazendas próximas às reservas.

Os Kaingang, apesar das grandes transformações sociais e culturais continuaram seguindo uma lógica cultural própria. Preservam a língua, alguns hábitos alimentares, estilo de habitação tradicional e seus sistemas de metades Kamé e Kairu. Continuam mantendo sua organização social baseada na reciprocidade entre parentes e afins. Preservaram parte do patrimônio cultural relativo ao sistema de saúde e xamanismo. Mas incorporaram novos hábitos, técnicas, habitação e medicina introduzidas pelos brancos. Essas incorporações fazem parte de uma totalidade que podemos chamar de cultura kaingang moderna. Isto é, os Kaingang continuam tendo uma identidade e cultura diferentes das dos brancos..

*Kimiye Tommasino*  
*Universidade Estadual de Londrina*

*E assim começou, a história que já havia começado...*

*O tempo na cultura indígena*

*Antes, o mundo não existia*

Antes de ser América, de ser Brasil, antes do carimbo de fronteiras que separam os países vizinhos e distantes. . . já existia a família indígena com sua cultura e suas tradições.

Nessas tradições está fundado um registro, uma memória da criação do mundo. Ali onde estão os rios, as montanhas, está a formação das paisagens, com nomes, ligados com a nossa vida e com todos os relatos da antigüidade que marcam a criação de cada um desses seres que explicam nossa paisagem no mundo.

O que os cientistas chamam hoje de habitat é o lugar onde a alma de cada povo, o espírito de um povo, encontra a sua resposta verdadeira. Neste lugar encontramos a memória, o sonho onde mora a sabedoria.

Existe um aprendizado do sonho e quando nós sonhamos, nós trocamos impressões com nossos ancestrais.

Observando as narrativas do ocidente, elas são sempre datadas. Entre nós existe a data: é quando nasceu o fogo, quando foi criada a Lua, quando nasceram as estrelas e as montanhas. Existiu uma memória puxando o sentido das coisas, uma memória relacionando o sentido das coisas com o nosso jeito de viver.

Quando vi o quanto a ciência dos brancos estava desenvolvida, com seus aviões e mísseis, fiquei assustado e duvidei que a memória e a tradição de nosso povo pudesse sobreviver a esse mundo preciso, prático. O homem branco olha uma montanha e vê a riqueza que ela esconde: o ouro, a bauxita . . .

Meus parentes olham essa mesma montanha e procuram ver se ela está alegre ou triste, feliz ou ameaçadora.

Essa mesma cultura, essa mesma tradição que transforma a natureza em coisa, ela transforma os eventos em datas, tem antes e depois. Data tudo, tem velho e tem novo. Velho é algo que você joga fora, descarta, o novo é algo que você explora, usa.

Não existe nem antes e nem depois se observamos um rio. Ele existe e está passando. O mesmo acontece em relação à criação do mundo: todo momento, todo instante é a criação do mundo.

Os arquivos guardam a palavra escrita e a memória da humanidade. Que humanidade é essa que precisa guardar sua memória em caixotes? Essa humanidade não sonha mais, pois rompeu o dia e a noite. Trabalham dia e noite, ano após ano e já são quase máquinas.

Se a sociedade tecnológica der valor às histórias do meu povo teremos uma chance. Caso contrário restará a história. E entre a história e a memória, eu fico com a memória.

*Jefferson Abreu de Oliveira*  
*Área Indígena Laranjinha*

*Ontem o índio tinha um paraíso,  
Hoje o índio só tem uma ruína!*

Hoje é um dia muito especial para as nações indígenas porque hoje é o dia do índio!

Os povos indígenas há muitos e muitos milhões de anos atrás, eram em grande número mas ao passar dos anos, começou uma grande modificação pois a violência deixou cada vez menor o número de índios.

Porque no princípio, Deus deu para cada povo, um paraíso e para não haver violência entre as nações diferentes, Deus separou o paraíso de cada povo, com o grande mar.

O paraíso de cada povo, com o grande mar.

Os povos indígenas ficaram muito agradecidos com Deus. O índio cuidava muito de seu paraíso, porque no paraíso, os índios encontravam tudo que eles queriam. Na floresta eles encontravam peixes e água para beber.

Nunca pensou em destruir as coisas, porque Deus um dia disse: "Não destrua isso, porque um dia te servirá".

Mas ao passar dos tempos com sua grande curiosidade "alguém" ultrapassou os limites estabelecidos por Deus e aí começou acontecer a violência.

Tanto o não-índio como o índio, esqueceram que eram humanos, mas ao passar dos anos, depois de muitas violências, o não índio e o índio voltaram a entender que todos eram humanos, que todos viviam no mesmo mundo, que todos expressavam o seu amor por Deus.

Depois disso tudo; depois de todos esses tempos, encontra-se aqui em nossa reserva, em nossa área, em nossa aldeia três nações indígenas, os kaingang, os guarani, os xetá, mas cada qual com suas características, mas com a união de um povo só.

Que hoje estão aqui presentes, neste grande dia, "o dia do índio". Eu, de coração, agradeço o povo kaingang peço que nunca deixem de falar

sua língua, que também não esqueçam de seus costumes de ser índios.

E cora todo orgulho agradeço o povo guarani que também não deixe para traz os seus costumes e também não esqueça de seus costumes de ser índios.

E com todo orgulho agradeço o povo guarani que também não deixe para traz os seus costumes e também não esqueça sua língua indígena.

E com toda a minha compreensão, peço também ao povo xetá, que nunca esqueça, que Deus deu a vocês, que são suas língua, seus costumes de ser índios.

Peço também que essas três nações indígenas, sejam sempre unidas, sejam sempre compreensivas e vivam sempre com essa grande união.

*João Cândido da Silva*  
*Área Indígena de São Jerônimo*

## Ocupação do Brasil



ELISEU CAMPOLIM

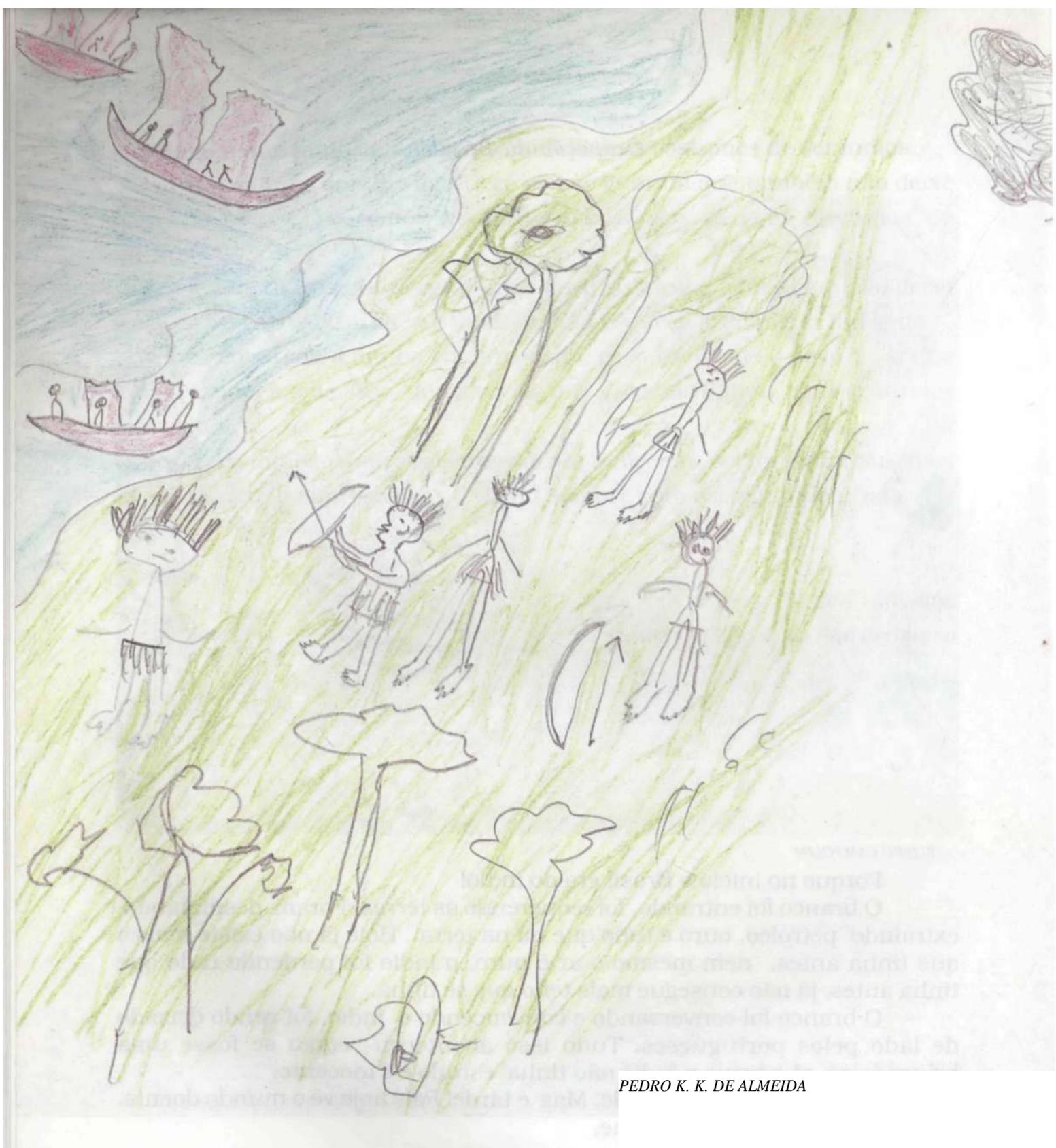
Porque no início o Brasil era do índio!

O branco foi entrando, foi requerendo as terras. Foram desmatando, extraíndo petróleo, ouro e tudo que há na terra.. Hoje já não existe mais o que tinha antes, nem mesmo o ar é puro, o índio foi perdendo tudo que tinha antes, já não consegue mais ter o que se tinha.

O branco foi conversando e convencendo o índio, foi sendo deixado de lado pelos portugueses. Tudo isso aconteceu como se fosse uma brincadeira, só porque o índio não tinha estudo e é inocente.

Hoje o índio se arrepende. Mas é tarde! Pois hoje vê o mundo doente, tenta chorar mas não consegue.

Acácio Teiê  
Área Indígena de Apucarantina



PEDRO K. K. DE ALMEIDA



## *O Brasil Não Foi Descoberto E Sim Roubado*

Hoje nas escolas do país inteiro, quando se vai para o segundo ano já se aprende que Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil.

Mas tudo isso é uma grande mentira, porque o nosso povo indígena já ocupava as terras brasileiras e se tinha gente ocupando, morando e cultivando a terra é porque já se tinha um dono.

Eles não tinham um rei para mandar, mas tinham o cacique que era como governo para nosso povo. Porém, os portugueses não respeitaram isso, apossaram-se da nossa terra, mesmo sem falar o nosso idioma. Os brancos conquistaram nosso povo indígena com algumas especiarias como espelhos, colares e vários outros objetos.

Vejam como os brancos tinham muito interesse em conquistar tudo, até mesmo os próprios índios, "*o índio tirava o suficiente da terra para consumir, mas conservava as matas, os animais e os peixes*", enquanto os brancos nunca pensaram como os índios. Eles não sabem a riqueza que a terra nos oferece. A riqueza é a terra que o índio admira e cuida. Eles se fazem de escudo contra o homem branco que é seu destruidor.

*Edinéia Aparecida de Jesus Ferreira  
Área Indígena São Jerônimo*

## *Brasil: Terra Invadida*

Na minha opinião, o Brasil foi invadido, porque quando os portugueses chegaram neste país já existia o índio.

Os primeiros habitantes do Brasil foram os índios, então os portugueses chegaram e começaram a mudar as culturas indígenas, dizendo:

*Nós é que somos brasileiros, porque vivíamos nessa terra.*



LAUDICEIA PRIPRÁ  
ELISEU CAMPOLIOM

Mas não é isso, a terra já era habitada pelos índios.

As terras foram apenas encontradas pelos portugueses à oeste do Atlântico. Tais terras eram cobertas por matas virgens. A ocupação do território teve início com a derrubada dessas matas, escravizando ou matando os povos indígenas que ali habitavam. Alguns índios escaparam para o interior e lá ficaram até que, mais tarde, foram novamente surpreendidos pelos colonizadores.

No princípio, os índios viviam nus, depois vieram os missionários para cobrir suas vergonhas. Nos caminhos das riquezas, chegaram os colonizadores abrindo trilhas de escravidão.

Hoje as terras invadidas pelo homem branco foram confinadas em estreitas faixas chamadas *toldos* ou *reserva*.

Muito mais da metade da população dos indígenas foi dizimada pelas doenças dos brancos como sarampo, varicela e gripe.

Usos, costumes e cultura esvaíram-se. Por isso o índio segue hoje rumo ao desconhecido e agora mais nu do que antes.

Atualmente, os índios chegaram inclusive, ao temor de ter vergonha de falar sua própria língua.

Consideramos que o branco negou ao índio a possibilidade e a capacidade dele de viver em equilíbrio com a natureza, forçando a atual situação em que o índio precisa produzir para seu sustento.

Então nessa história, eu quero dizer que o Brasil foi encontrado e invadido pelos os povos portugueses.

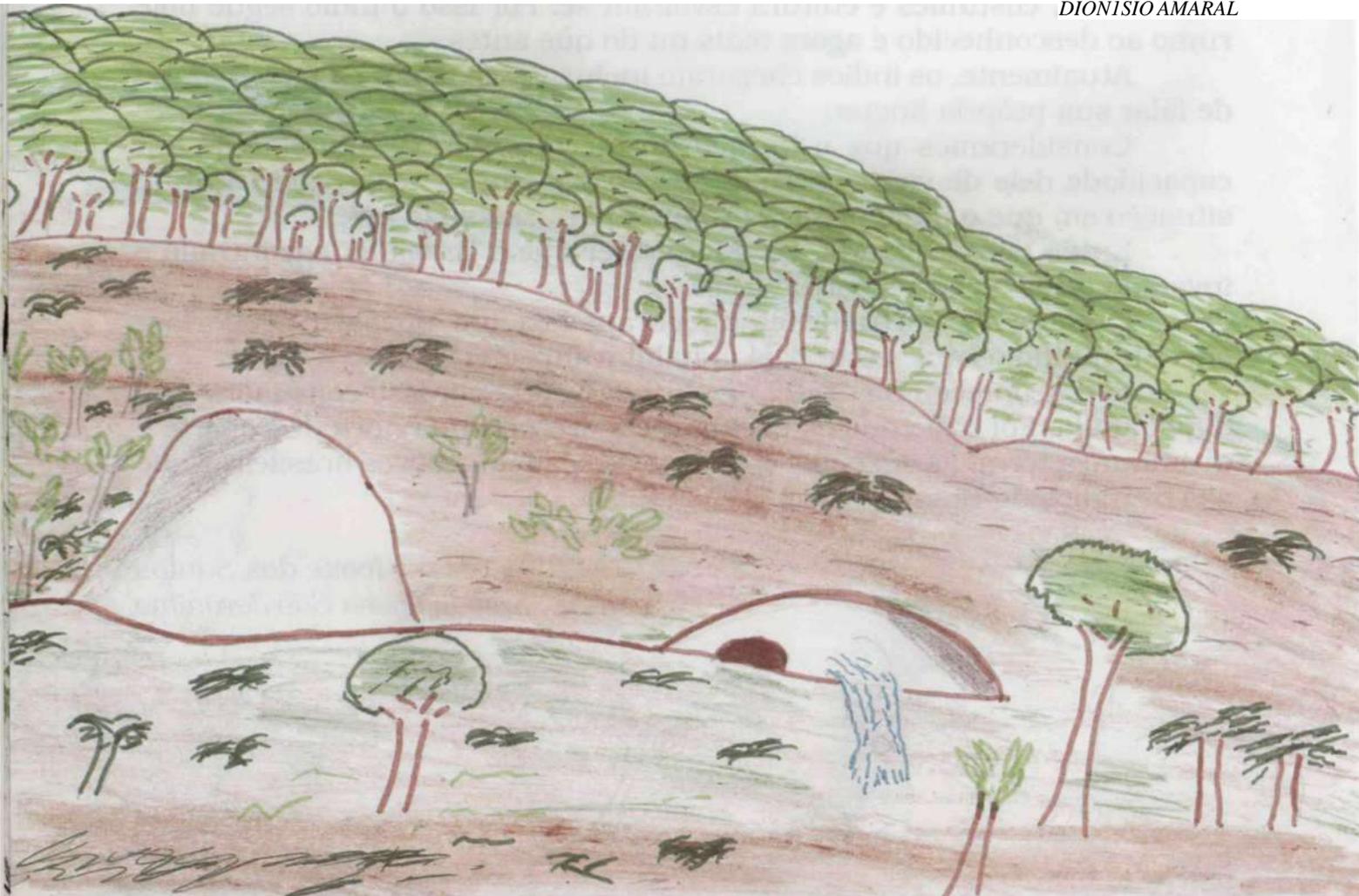
Quando os portugueses chegaram fazendo novas descobertas, encontram índios que neste país já habitavam.

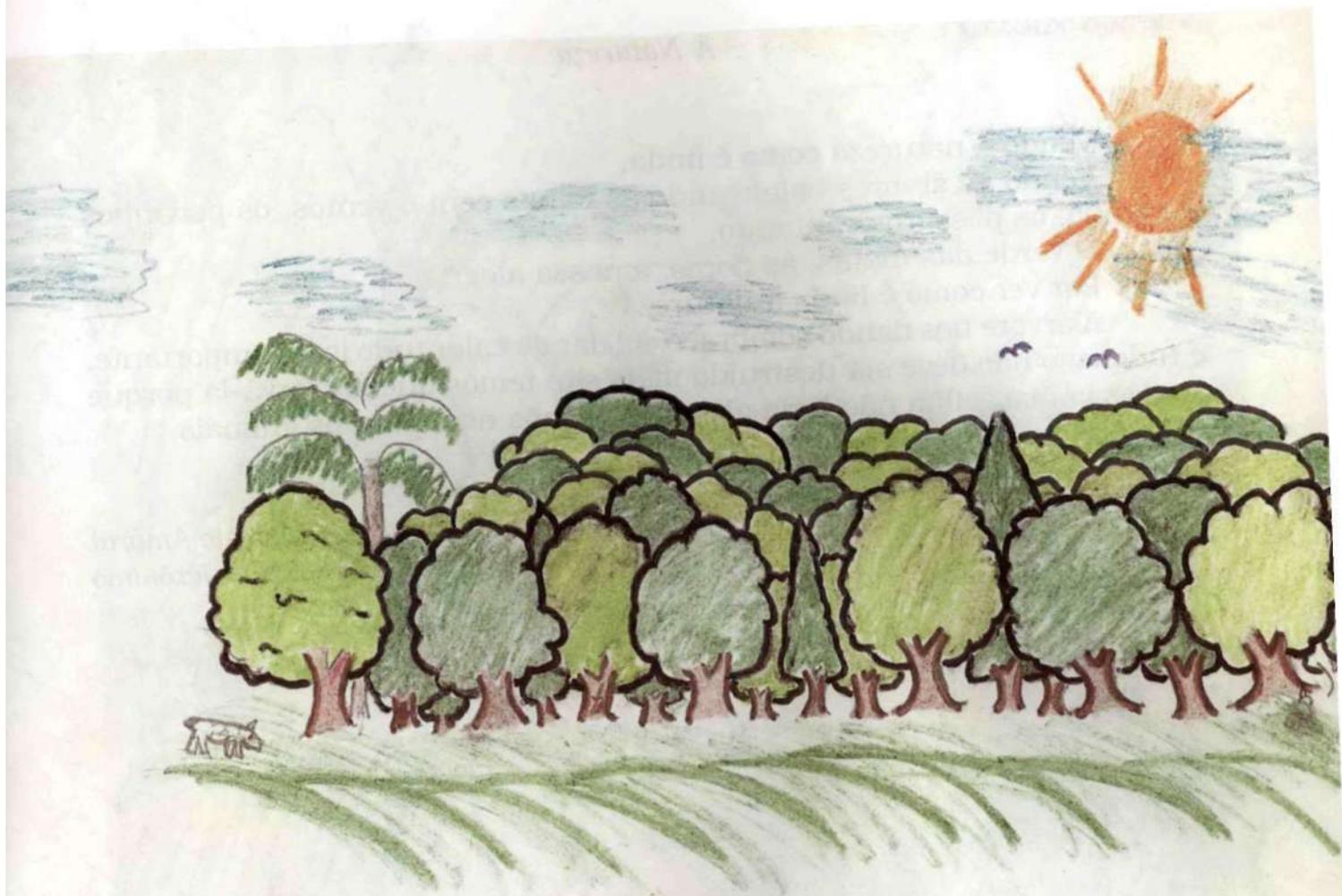
Isso aconteceu no dia 22 de abril de 1500, por isso comemora-se o dia do índio. Foi o dia que os portugueses fizeram uma nova descoberta e invadiram a terra, assim encontraram os verdadeiros povos brasileiros que são os índios do Brasil.

*Ivone dos Santos  
Área Indígena São Jerônimo*

*Assim era nossa terra...*

DIONISIO AMARAL





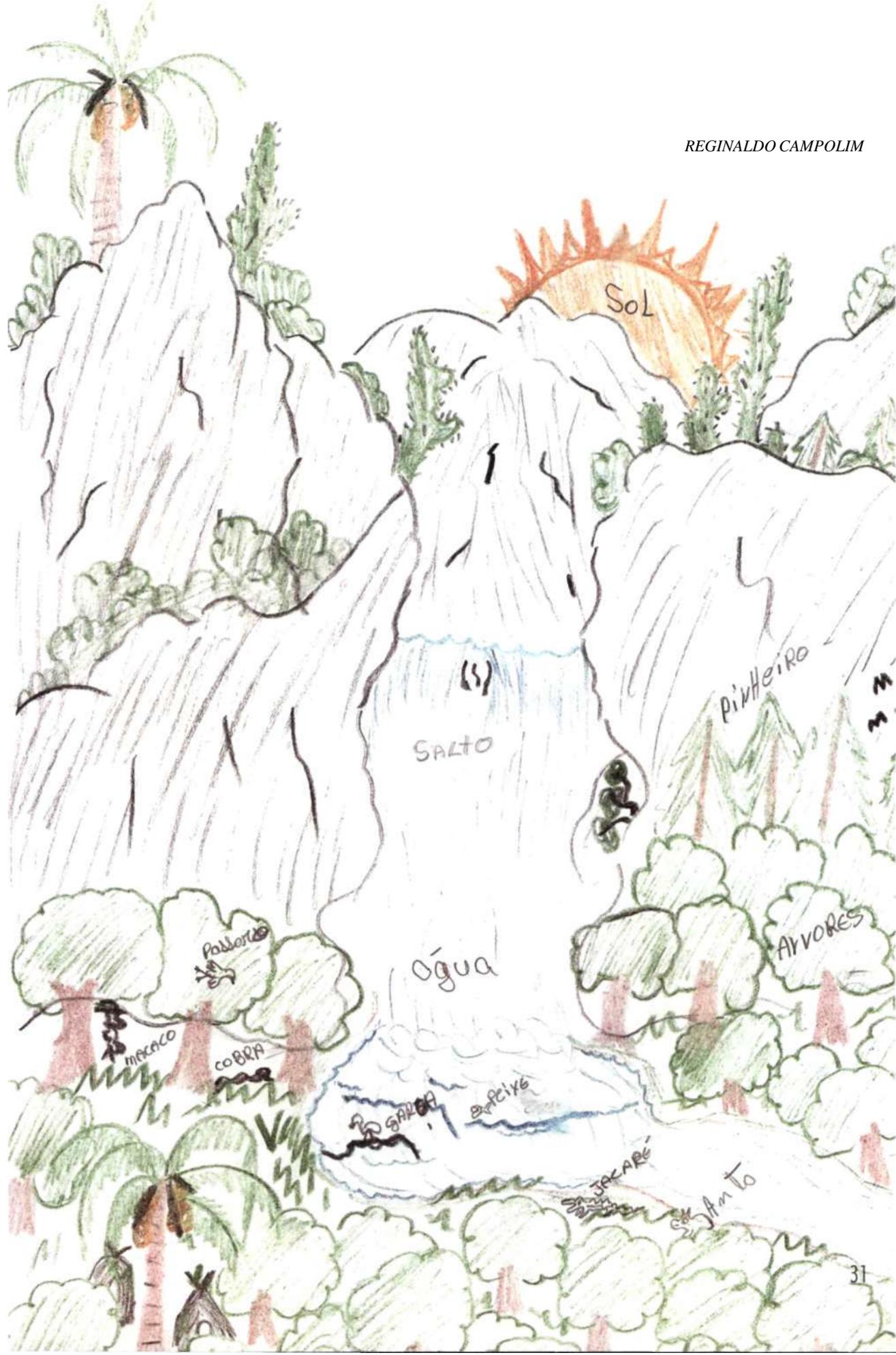
## A Natureza

A Natureza é para os animais viver nela. Já onde a natureza tem muitas árvores e muitos bichos por causa da natureza existe ar puro a natureza e a casa dos animais. Tem umas árvores que dão frutas as árvores servem para fazer nossas casas.

*A Natureza*

Vendo a natureza como é linda,  
Vendo as árvores balançando as folhas com o ventos, os peixinhos nadando, os pássaros cantando,  
O verde das matas, as flores, a nossa alegria  
Por ver como é linda a natureza  
A árvore nos dando sombra, o sol dando calor tudo isso é importante, e tudo isso não deve ser destruído mais sim temos que preservá-la porque sem essa maravilha não teria alegria para nós nem para os animais.

*Dionisio Amaral  
Área Indígena São Jerônimo*



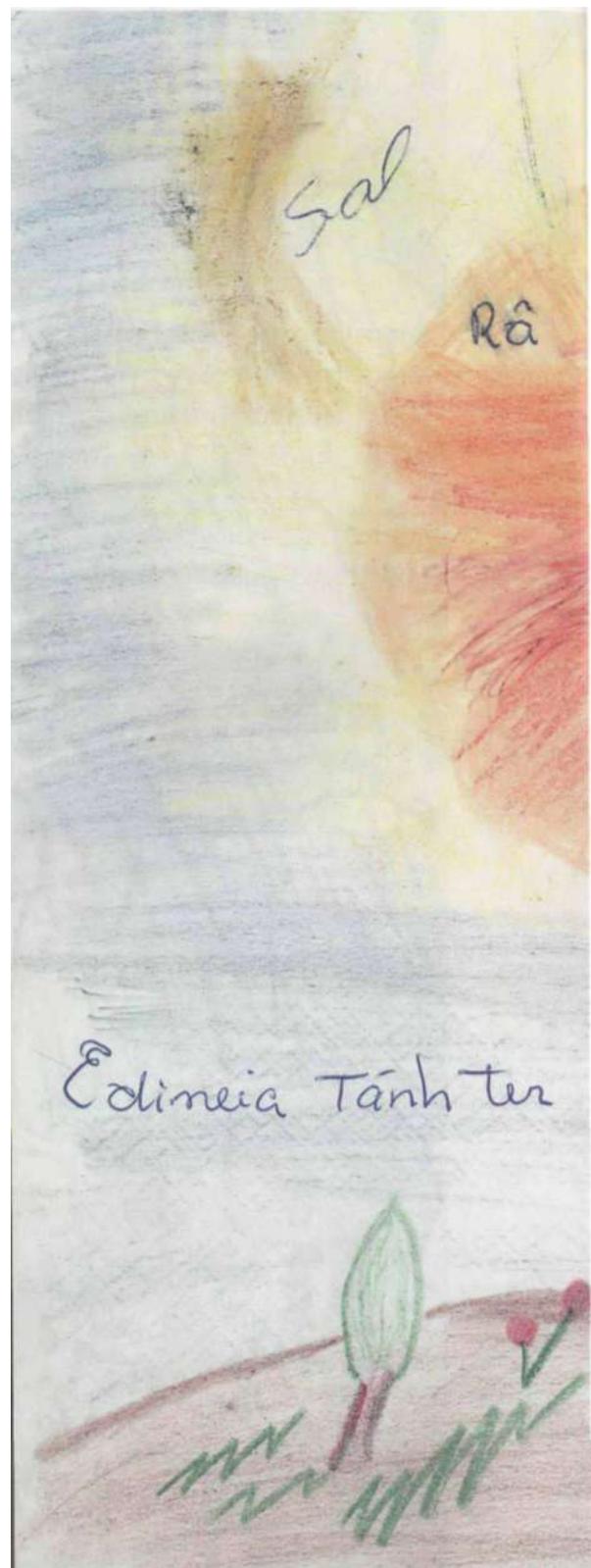
## *Assim Era Nosso Céu*

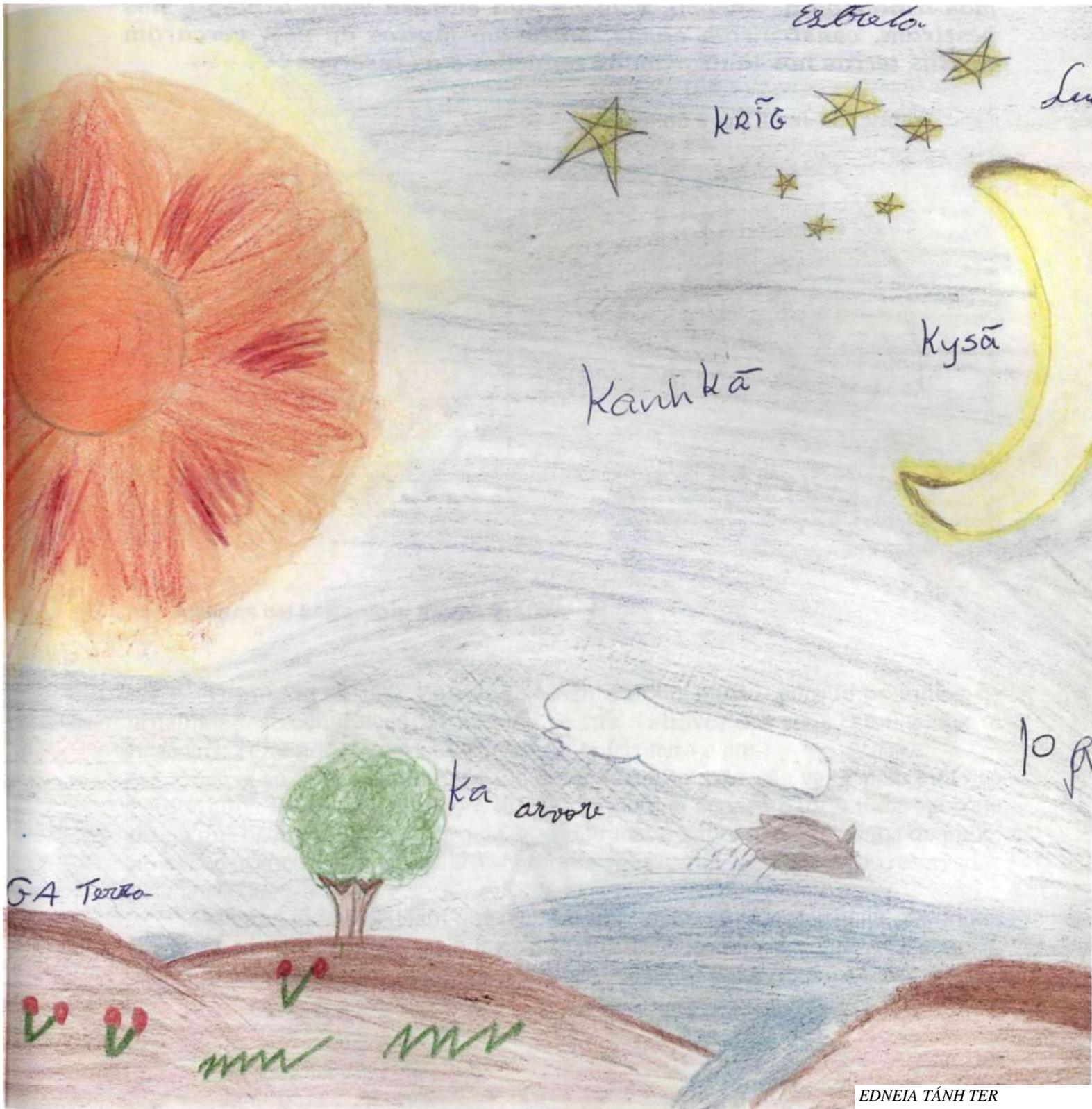
Os mais velhos observavam o céu e através destas observações sabiam as modificações no tempo, na temperatura, na duração do dia e da noite, na agricultura, no aparecimento de certas espécies de animais e na colheita de frutos do campo.

Eles contam que a lua tinha várias fases e cada fase era boa para o plantio de uma espécie.

As estrelas tinham um significado, quando agrupadas no mesmo lugar, representavam um aviso que iria morrer alguém.

*Dionisio Amaral e João Cândido da Silva*  
*Área Indígena São Jerônimo*





Estrela

krig

Lu

Kanika

Kysa

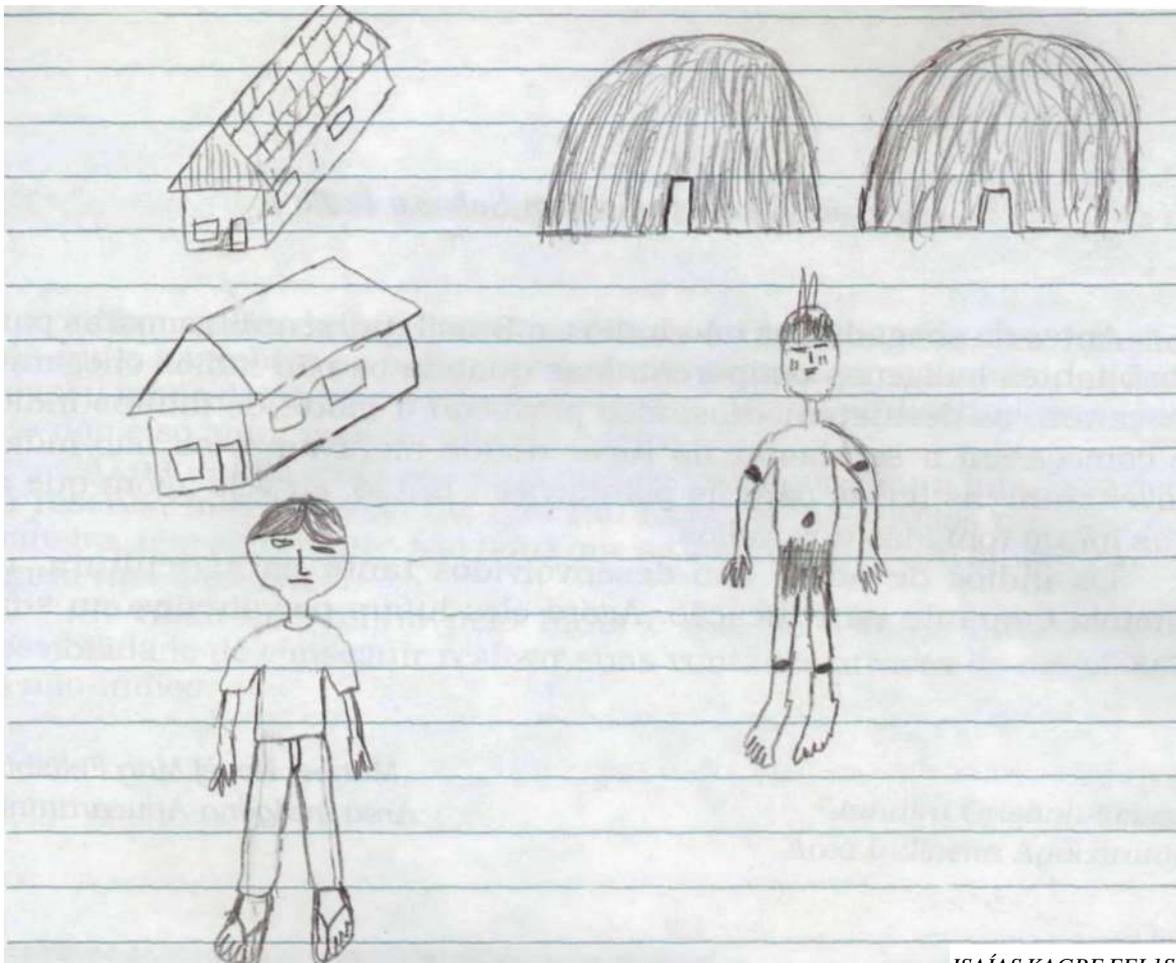
ka arvor

lo p

GA Terra

EDNEIA TÁNH TER





ISAÍAS KAGRE FELISBINO

### *O índio Hoje*

O mundo de hoje na minha visão mudou muito, porque os índios de atualmente se comunicam através da escrita e através dos seus estudos, fazem negócios. Tem índio motorista, professor, enfermeira e etc.

A visão do não-índio pelo índio é a seguinte: não dão valor pelo índio só porque uma lei diz que o índio é tutelado. Não dão serviço para o índio porque dizem que estes não sabem ler nem se comunicar e também pelo sistema do índio, a sua convivência mais separada. O índio tem suas terras demarcadas ou reservadas pelo governo.

Alguns índios pensam que são sempre menores em relação ao não-índio, por estes se comunicarem melhor e estarem envolvidos na sociedade e na política!

Mas o índio entre os índios acha que são todos iguais e tem o mesmo nível.

*Acácio Teiê*  
*Área Indígena Apucarantina*

## *A Visão Que o índio Tem Sobre o índio*

Antes da chegada dos não-índios, o Brasil, tinha muitas matas para os habitantes indígenas ocuparem. Mas quando os não-índios chegaram começaram, os desmatamentos, isso provocou a morte de muitos índios que começaram a se afastar do lugar donde moravam e os não-índios aproveitaram as terras para as plantações . Então, eu vejo agora que as terras foram tomadas dos índios.

Os índios de hoje, são desenvolvidos tanto na agricultura, na economia e quanto na educação. Agora eles lutam por direitos em suas terras.

*Manoel Novéj Mag Felisbino  
Área Indígena Apucarantina*



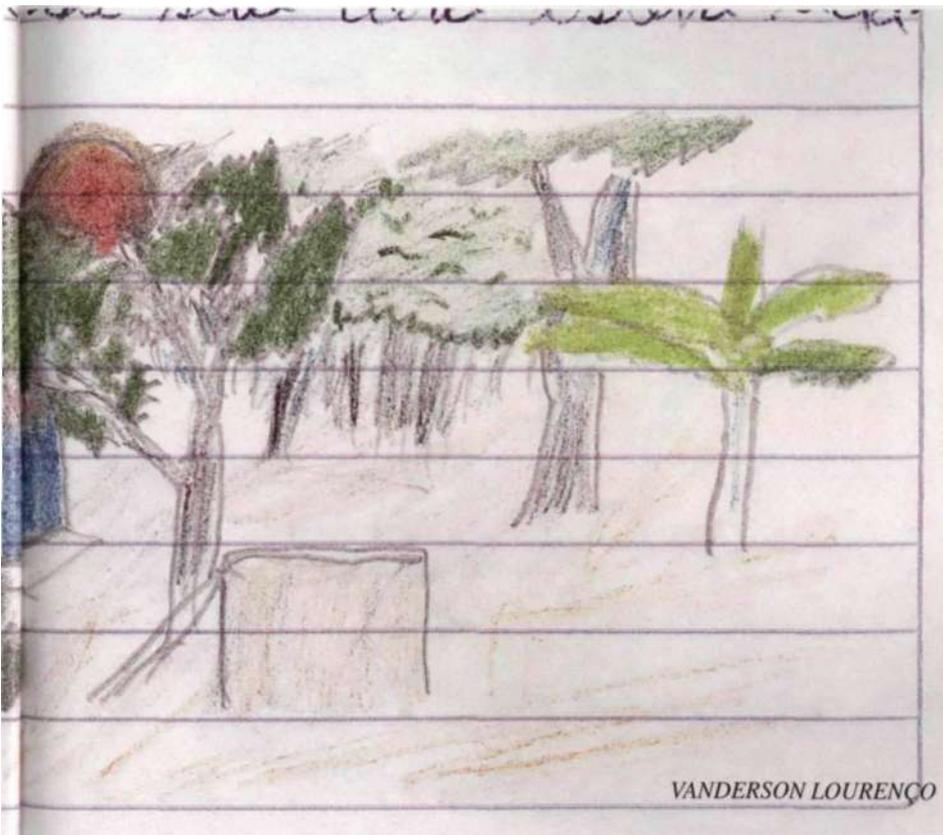
## *A Visão Que o não-Índio Tem Sobre o Índio*

No mundo de hoje, muitas coisas estão mudadas, em relação ao não-índio e também ao índio. O não-índio sempre pensa o pior dos índios. No meu modo de pensar, o não-índio jamais deixou de discriminar os índios isto não é só aqui, mas no mundo inteiro.

O não-índio tenta se aproximar do índio por algum interesse dentro da reserva, mas isto não diz que são todos os não-índios que são desta maneira, têm alguns que são bons que se aproximam para ajudar e prestar algum tipo de serviço.

A visão que tenho pelo índio é que se o índio quiser ele tem possibilidade de conseguir realizar suas vontades através do estudo como os não-índios.

*Jandira Grisãnh Felisbino  
Área Indígena Apucarantina*



*Hoje em nossas reservas, encontramos muitos problemas*

*Os Problemas da Minha Reserva*

Os problemas existentes em São Jerônimo são: alcoolismo, falta de emprego, a falta de saneamento básico, falta de energia elétrica.

O alcoolismo vem da falta de emprego, o desemprego, que também acontece devido ao preconceito que existe contra os índios e os negros. Por isso é que moramos em lugares que não são mostrados por esses ricos e só vem aparecer quando é época de política, dizendo que vão nos ajudar, vão melhorar e reforçar a merenda escolar. Eles prometem tudo só que não fazem nada e isso vem prejudicando cada vez mais as nossas vidas.

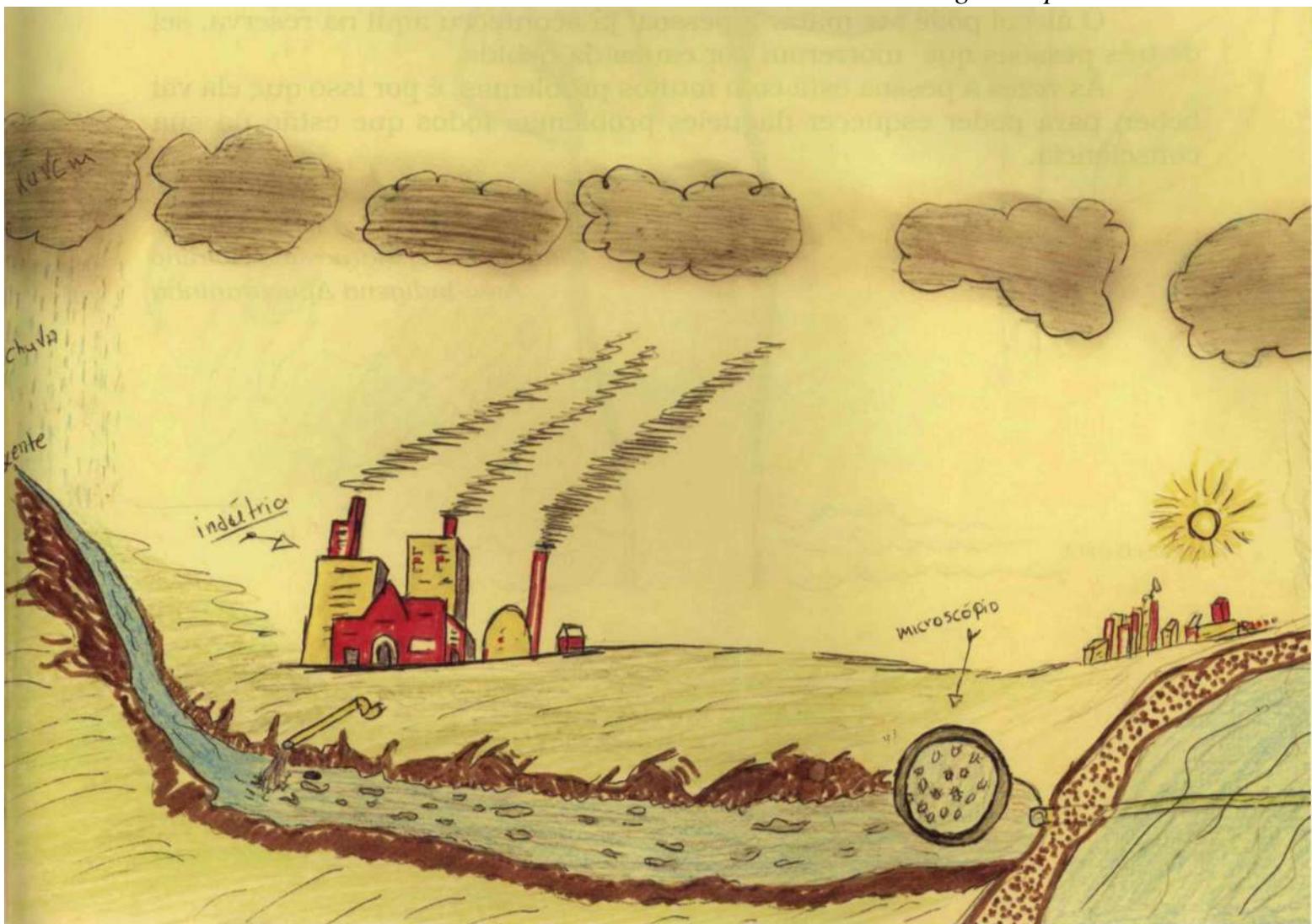
Essa falta de respeito com a comunidade poderia ser melhorada de forma justa e sem mentiras dando mais recursos para a alfabetização indígena.

*Edinéia Aparecida de Jesus Ferreira  
Área Indígena São Jerônimo*

## *Tipos De Poluição Encontrados na Reserva*

Se dermos uma volta no meio da reserva encontraremos muitas coisas sujas como: lixo, papel rasgado e plásticos, tudo jogado no chão. Porque as pessoas não cuidam das ruas. Não gosto disso. Sabe, eu sozinho já disse isso para muitas pessoas, pois se alguém vir de fora até nossa reserva verá todas essas coisas sujas, irá embora com uma má impressão da reserva e falará mal da gente.

*Reginaldo Campolim  
Área Indígena Apucarantina*



### *Problema do Alcoolismo na Reserva*

Na reserva onde eu moro existem muitas pessoas que gostam de beber bebidas alcólicas.

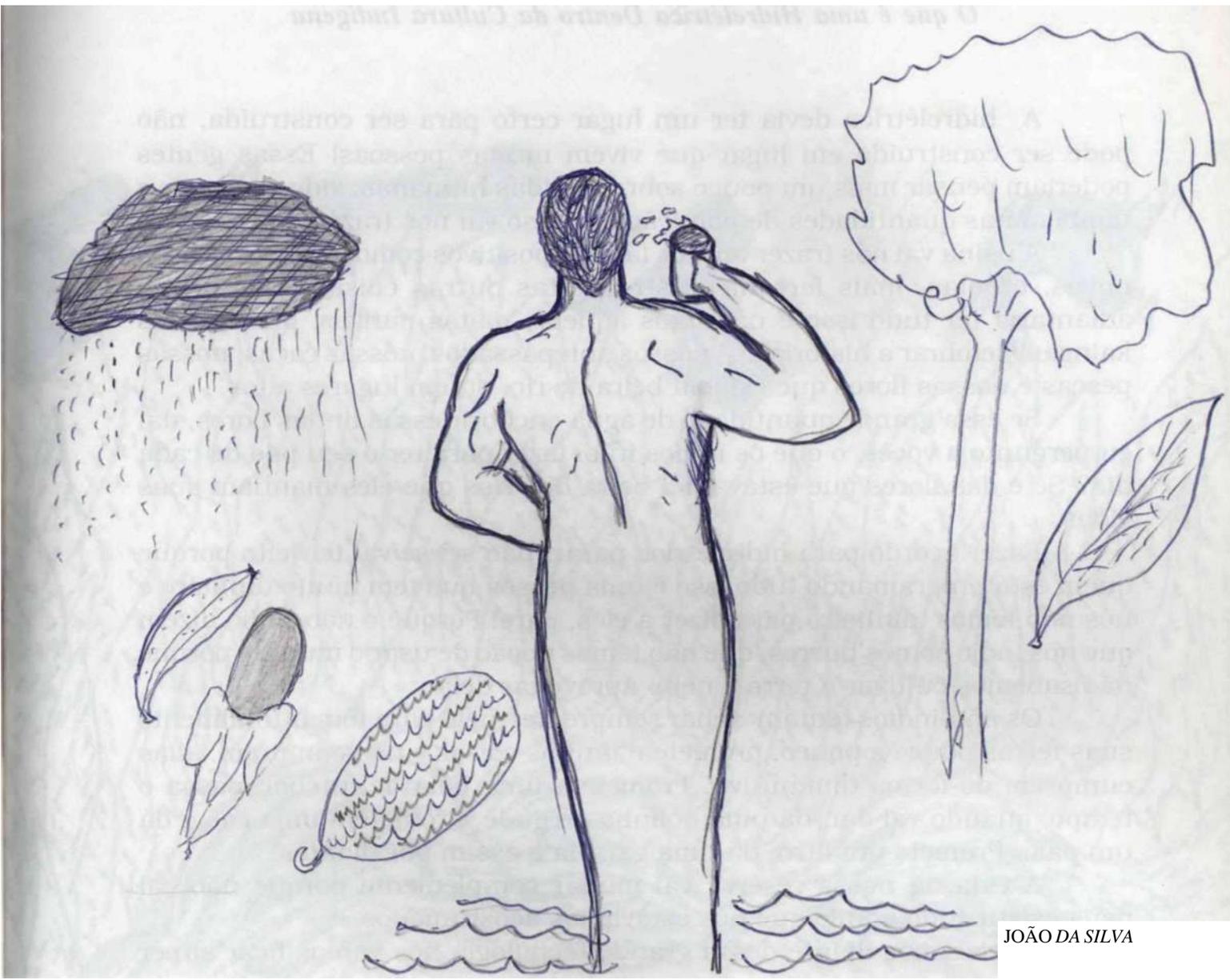
As pessoas que bebem perdem o sentido e também ficam muito valentes, querem ser os mais inteligentes e sempre querem ter razão.

Às vezes o álcool leva a pessoa a cometer loucuras, altera coisas e arruma brigas com os amigos. Uma pessoa embriagada, às vezes, fica à noite inteira fora de casa bebendo com os amigos, também pode até ficar caída pela estrada e a família não sabe o que está acontecendo ficando preocupada. Quando ela chega nem quer saber se a sua família, estava preocupada com ela, já parte para a ignorância.

O álcool pode até matar a pessoa, já aconteceu aqui na reserva, sei de três pessoas que morreram por causa da bebida.

Às vezes a pessoa está com muitos problemas, é por isso que ela vai beber, para poder esquecer daqueles problemas todos que estão na sua consciência.

*Cláudio Novéj Maracolino Galdino*  
*Área Indígena Apucarantina*



JOÃO DA SILVA

## *O que é uma Hidrelétrica Dentro da Cultura Indígena*

A hidrelétrica devia ter um lugar certo para ser construída, não pode ser construída em lugar que vivem muitas pessoas! Essas gentes poderiam pensar mais um pouco sobre as vidas humanas, vidas vegetais e também nas quantidades de poluição que isso vai nos trazer,

A usina vai nos trazer muitos fatores positivos como: dinheiro, casas novas, escolas, mais ferramentas e muitas outras coisas, mas o que adiantaria ter tudo isso e não mais aquelas matas nativas, que faz nós kaingang lembrar a história dos nossos antepassados, nossas caças, nossas pescas e nossas flores que estão à beira de rio, ou em lugares altos.

Se essa grande quantidade de água encobrir essas lindas flores, daí eu pergunto a vocês, o que os índios irão fazer para ter o seu pão de cada dia? Se é das flores que estavam a beira dos rios que eles mantiam suas vidas.

Fazer acordo para hidrelétrica parar não sei se vai ter jeito porque quem está programando tudo isso é uma pessoa que tem muito dinheiro e nós não temos dinheiro para dizer a eles, pare! Porque o não-índio dizem que nós índio somos burros, que não temos noção de usar o mundo, porque não sabemos cultivar a terra e nem aproveitar dela.

Os não-índios tentam achar sempre um meio para tomar totalmente suas terras pouco a pouco, prometem muitas coisas e não cumprem, alias cumprem de forma diminutiva. Prometem uma bola de futebol, passa o tempo, quando vai dar, dá uma bolinha de gude. Prometem uma casa, dá um paio. Promete um litro, dá uma garrafa e assim por diante.

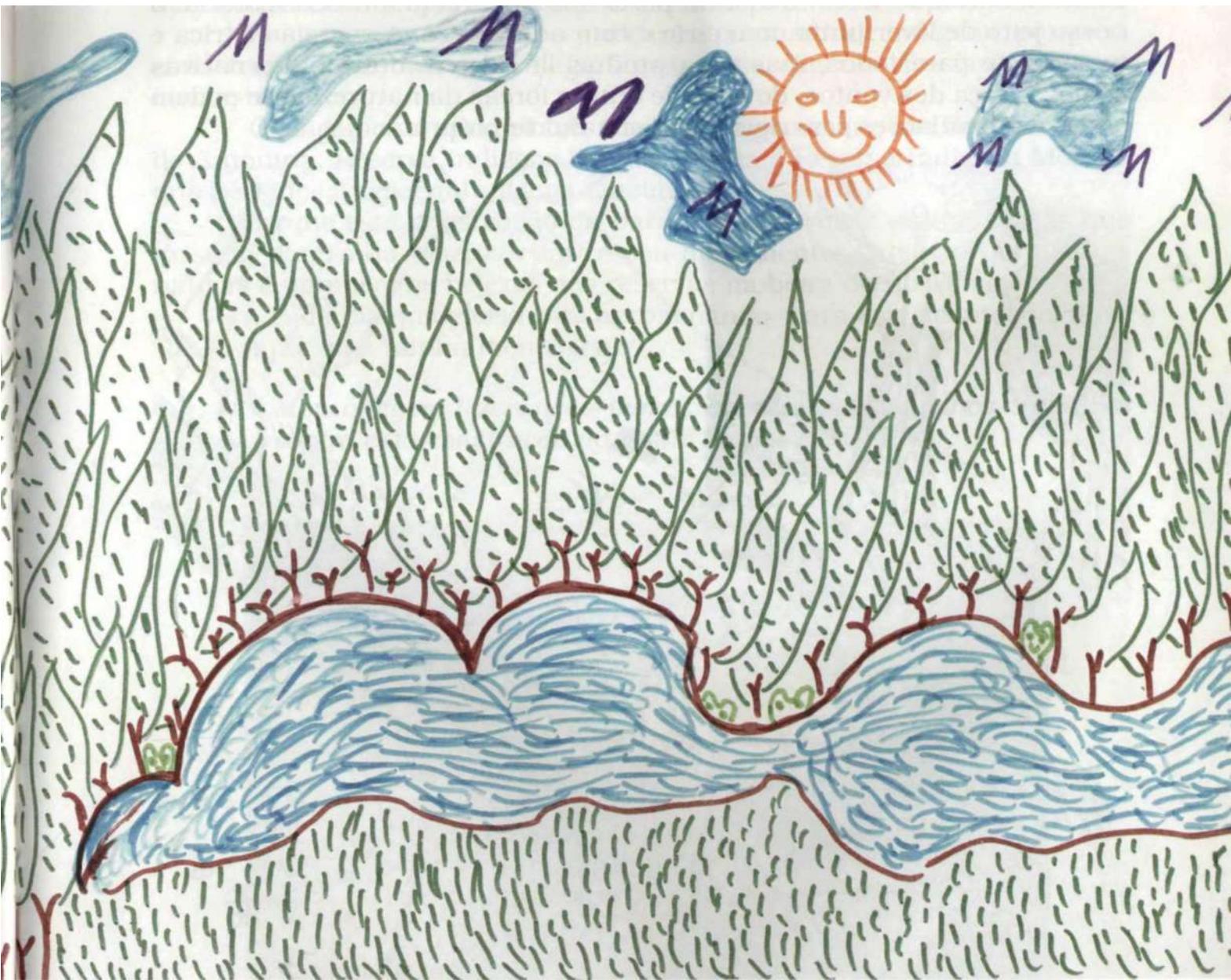
A vida na nossa reserva vai mudar completamente porque não vai mais existir tudo aquilo que nós estávamos acostumados.

Se tivermos diante dessa grande tecnologia nós vamos ficar super assustados! Com as modificações que vai ocorrer, modificação do clima, da paisagem, vai modificar até a nossa história que fizemos no passado.

Se eu nunca falei nada certo, hoje e sempre vou dizer: *a hidrelétrica não vai trazer nada de importante para as reservas indígenas.*

*João Cândido da Silva  
Área Indígena São Jerônimo*





## *Existem Alternativas à Construção da Usina Hidrelétrica...*

A construção de usinas hidrelétricas traz muitos prejuízos para as comunidades que vivem e moram perto dos rios. Afeta a nossa história, o nosso jeito de viver junto com o rio e com a natureza. A energia elétrica é importante para todos, mas para produzi-la existem outras alternativas como: a força dos ventos, do sol e de outras forças da natureza que podem servir às populações sem decretar a sua morte própria.



SILVIO P. MARCOLINO

## *A Construção da Usina Hidrelétrica*

A construção da usina hidrelétrica do rio Tibagi traz o bom benefício de energia elétrica para a cidade e também para a zona rural.

Mas ao mesmo tempo prejudicará a comunidade indígena, porque a construção desta barragem alagará as terras indígenas que fazem divisas com este rio.

O alagamento atingirá três reservas indígenas que são Reserva Barão de Antonina, Reserva Indígena Apucarantina e Reserva Indígena Mococa que pertence a reserva Indígena Queimadas.

Porque esta construção da barragem destruiria muitas coisas que existem dentro da reserva com o seu alagamento. Que são: As plantas nativas e também as belezas das reservas na beira do rio Tibagi.

A cada dia que passa está aproximando para este acontecimento. Aqui vai a minha mensagem:

*Meu amigos, lideranças vamos abrir os nossos olhos trabalhar contra esta construção da Usina hidrelétrica.*

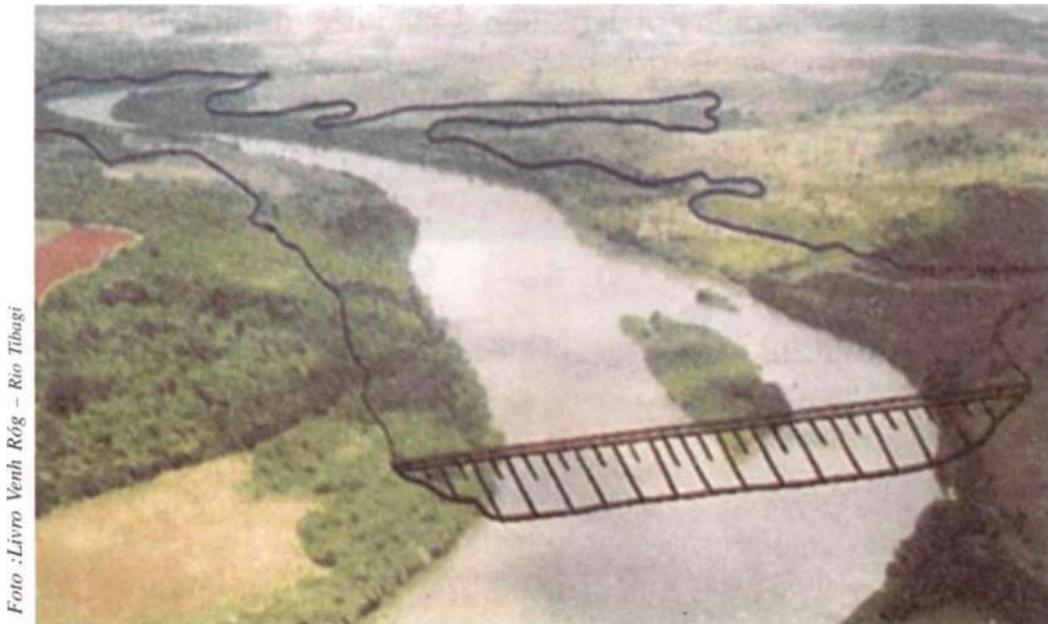


Foto: Livro Venh Róg - Rio Tibagi

*Manoel Novej Mág Felisbino  
Área Indígena Apucarantina*

## *Organização Política Existente Na Terra Indígena*

Na nossa terra indígena, nós nos organizamos através do cacique e suas lideranças. Para podermos fazer algumas coisas, como as festas da nossa comunidade indígena, como por exemplo, o dia do índio, nós somos todos avisados para participarmos de um grande mutirão que é para deixarmos tudo prontinho antes da data marcada que é 19 de abril. Mas não é só neste dia que participamos do mutirão.

Para escolher o cacique a comunidade convida as pessoas de mais idade, ou alguém que já foi cacique para ele escolher um ou dois candidatos que tenha responsabilidade para poder trabalhar e lutar pela comunidade. Também o outro cacique, que vai entregar o cargo tem o direito de escolher um candidato.

E assim é feita a votação para escolher o cacique. A eleição é feita dentro do escritório da sede. Lá dentro eles colocam quatro pessoas para atender a urna e também um fiscal.

No final, quem for eleito escolhe o seu vice-cacique e as lideranças mas, a maioria dos caciques até hoje escolheram aquele que ficou em segundo na votação. As leis são feitas pelo cacique, seu vice, lideranças o

Os responsáveis pelas ordens são o cacique, as lideranças e o vice-cacique. Estes são os escolhidos para resolver os problemas da reserva e também participam de algumas reuniões fora da reserva, como em Londrina, Brasília e outras cidades.

*Cláudio Novéj Maracolino Galdino*  
*Área Indígena Apucarantina*



Foto: Luis Donizete B. Grupioni

Fonte: A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 1º graus /org. Aracy Lopes da Silva e Luís Donisete Benzi Grupioni - Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

Mais de 350 lideranças representando 101 povos indígenas se reuniram em Luziânia/GO para discutir a revisão do Estatuto do índio. No último dia do encontro, os índios fizeram uma manifestação na rampa do Congresso Nacional.

## *A Cachoeira da Reserva*

A cachoeira é uma das paisagens mais bonitas da reserva indígena. Está a uns 800 metros da estrada de terra nova. O rio que forma esta cachoeira é o rio do Pilão. A cachoeira parece ter 30 metros de altura. A água cai, escorrega pela parede das pedras até chegar no fim de sua queda, onde forma uma lagoa com dois metros de fundura. Ao redor da lagoa, a água da cachoeira, quando cai, forma um vento úmido, com muitas e muitas gotículas de água.

Essas gotículas são levadas pelo vento molhando tudo o que está ao seu redor, pequenos vegetais, matas pedras e até as pessoas que se aproximam para ver sua maravilhosa queda.

O rio da cachoeira segue para baixo, caindo em várias outras pedras, fazendo seu percurso em direção ao rio Tigre, que está a uns 4 km da cachoeira.

A cachoeira tem o nome de cachoeira do Baiano, por que a casa mais próxima da cachoeira é a do Valdete conhecido por baiano.

*João Cândido da Silva*  
*Área Indígena São Jerônimo*



## *A Escola da Vida*

Uma pessoa para ser educada, não basta estudar, porque a educação não é somente os estudos e sim a convivência com outras pessoas que vivem ao nosso redor. Os pais são as principais escolas, porque nos garantem a educação e o respeito, que facilitam a nossa vida.

Junto com essa educação temos a educação da escola e as duas juntas conseguem grande efeito.

Por isso que a gente luta para aprender e está aprendendo, dia a dia, com a escola da vida nos ensinando, porque se não aprendermos estaremos fugindo da nossa própria vida. E a vida está aí, para ser vivida com educação e respeito de uns para com os outros.

*Clay Pereira de Souza*  
*Área Indígena Laranjinha*

## *Educação no Brasil*

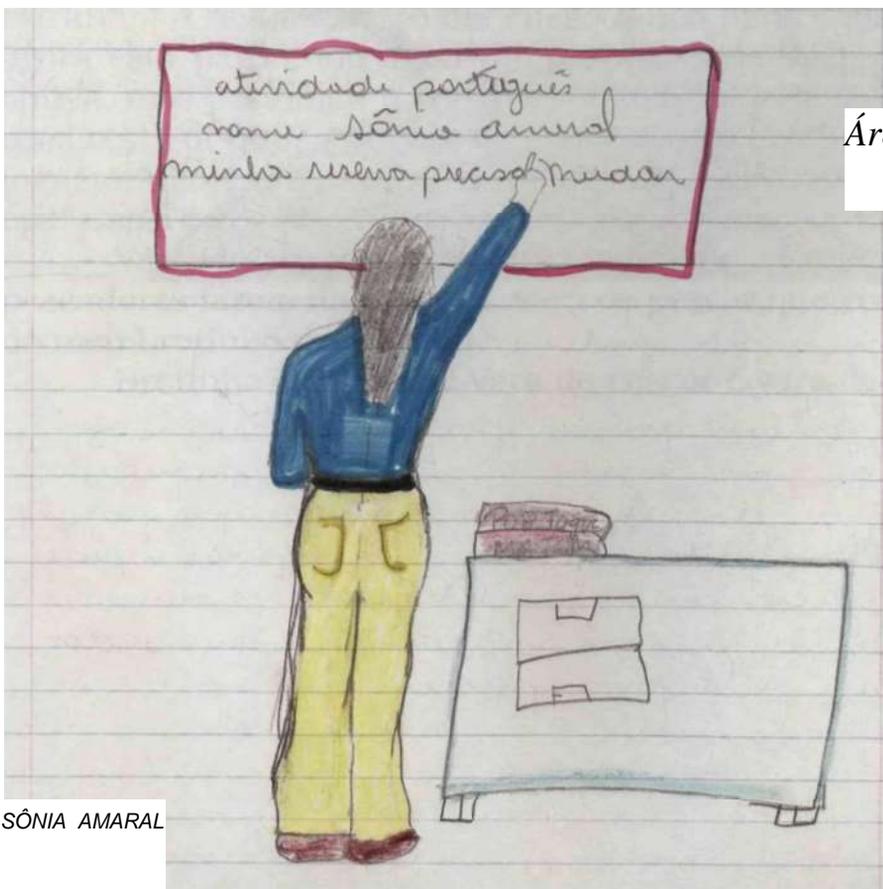
A educação surgiu já há alguns séculos e foi proporcionando facilidade ao homem. Bem como também, através desta mesma educação surgiram as dificuldades para a maioria da população, que é pobre por não ter acesso ao banco escolar tirando-lhe o modo de ganhar a vida com trabalho, já que é seu costume.

Prejudicou também e muito aos povos indígena da seguinte forma: arrancando a cultura do índio e modificando assim modo de viver.

A educação foi a maior potência na minha opinião para expandir a tecnologia e a revolução industrial. Disto surgiu muitos implementos agrícolas para substituir o homem no campo e estes mesmos formaram-se inúmeros desabrigados nos centros urbanos. O Brasil por sua vez, não soube dominar e organizar isso tudo e deixou algo que era para evoluir, destruir a comunidade.

A educação influenciou a vida indígena tirando seus costumes e prometendo um outro modo mais fácil e prático de viver, como vemos na maioria das aldeias onde não existem mais fortunas naturais.

O certo é saber dominar a educação para que seja uma arma invencível contra a miséria ou ao contrário disto prejudicará demais o povo.



*Vanerson Lourenço*  
*Área Indígena Laranjinha*



JOÃO CÂNDIDO DA SILVA

## *O Emocionante Broto de Taquara!*

Os astrônomos, para descobrir coisa importante, mandam sondas para todos os lugares do Universo, em busca de coisas novas.

Mas nós em vez de sonda, mandamos apenas os nossos pensamentos, mas se o nosso pensamento nos levar a uma curiosidade, nós através da curiosidade vamos em busca da realidade.

Muitas vezes passei perto de uma taquara, perto de uma moita de taquara, enfim, perto de um broto de taquara. Mas quando parei e observei um brotinho só de taquara! Imaginei que eu estava muito distante da terra e que aquele brotinho de taquara, era um foguete que estava preparado para deixar o Planeta Terra e ir passar em solo lunar.

Em uma semana voltei a observar o meu incrível brotinho de taquara, mas eleja estava grande e bonito. O brotinho já media dois metro de altura, nesse ponto ele não mais parecia um foguete, mas parecia uma lança! Uma lança dos nossos índios do antepassado, ah! Ah que saudade daquele tempo. Uma semana se foi e eu outra vez vou ver meu brotinho de taquara. Ah! Acho que atrasei hoje! Já é noite, o luar saiu e o brotinho de taquara está diferente cresceu muito e entortou para baixo. Agora está parecendo uma vara de anzol, armado de "*espere*" por um pescador, mas isso é muito estranho! A noite se foi, o dia chegou, não parece mais uma vara de anzol, agora está parecendo igual um arco-íris que aparece depois de uma leve chuva, mas para falar a verdade, o arco-íris tem várias cores e este só tem uma cor! Por que? Ah! Pare eu explico . . . o brotinho de taquara não é um foguete, não é uma lança, não é um arco-íris, nem é uma vara de pescar, epa! Espere aí . . .

Vara de pescar eu acho que é sim, mas não é por causa que os pescadores fazem da taquara, vara de pescar que vocês vão mudar o nome do meu brotinho de taquara.

Brotinho é brotinho! Vara de pescar é vara de pescar! Combinado.

*João Cândido da Silva*  
*Área Indígena são jerônimo*

## *O Computador na Vida do índio*

O computador é muito importante na vida das pessoas.

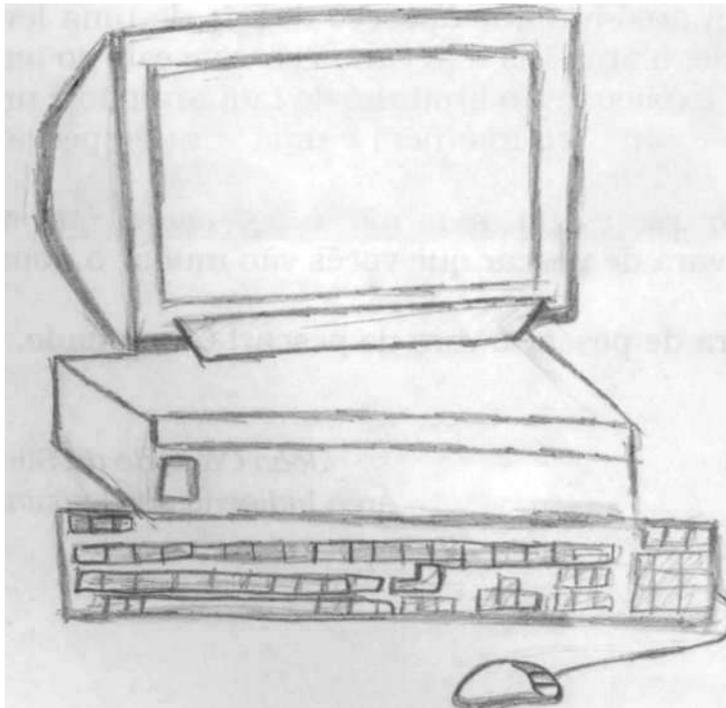
Há séculos atrás, o computador era só usado pelo povo branco, mas hoje não.

A tecnologia é tão importante que vem sendo desenvolvida em todos os países.

É também importante na vida do índio pois há muitos anos atrás, os índios não sabiam o que era esta máquina, só via pela televisão. Mas hoje os índios precisam e devem ter em suas mãos um computador. Por exemplo: aqui na nossa reserva nós precisamos de um computador para mostrar aos alunos e a todos como que é e como funciona esta grande máquina.

Saber como é digitado um texto, como se entra na Internet enfim, mostrar tudo que é de importante dentro dela.

O índio precisa tanto de um computador que se tivesse um aqui neste momento, com certeza seria bem utilizado. Como já temos um escritor de livro que é o nosso professor Olívio Jekupé, com certeza ele já tinha colocado num disquete todo seu trabalho, mas como não temos ainda, ele continua a usar o computador do branco. Então, espero que entendam o quanto é importante o computador na vida dos índios.



*Jefferson Abreu de Oliveira  
Área Indígena de Laranjinha*

## *Minhas Mudanças, Meus Esquecimentos*

Nós índios que conhecíamos a terra Brasil primeiro.

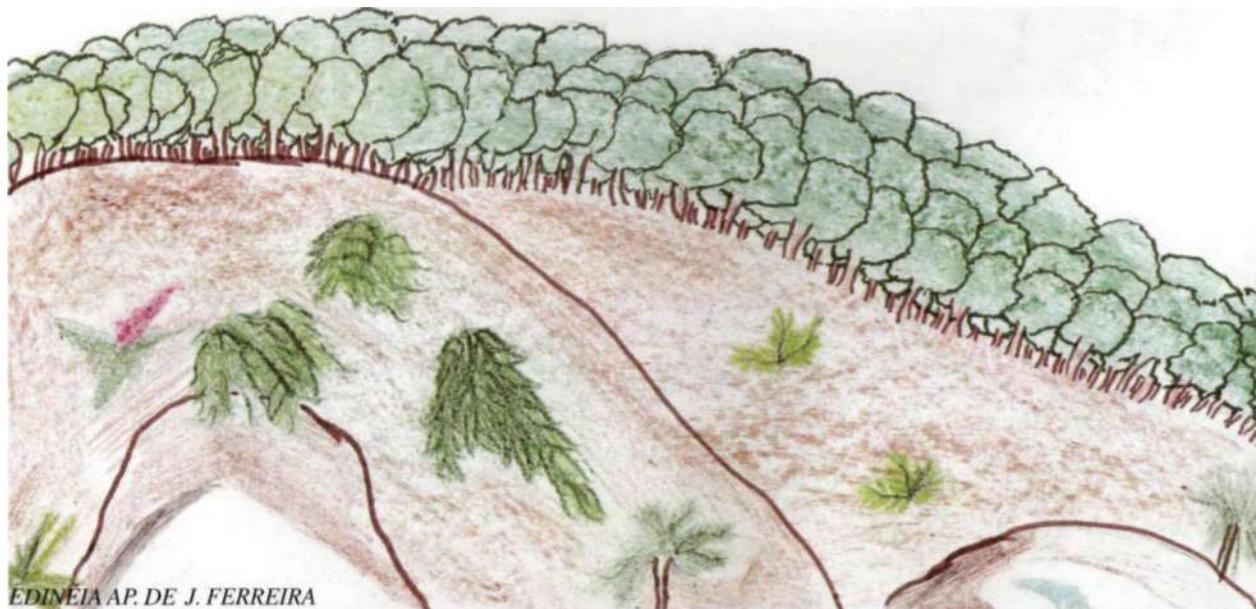
Nós que mandávamos em todas essas terras brasileiras, mas passando alguns anos chegaram os portugueses aqui no "Brasil", então quando viram os índios começaram a guerrear e matar muitos índios para tomar suas terras. Hoje, o que resta daquela grande terra é nada! Hoje vivemos em pequenas reservas chamadas aldeia.

Mas não temos o que nós tínhamos no passado os grandes rios, a grande mata, a liberdade de se vestir.

Muitos índios Kaingang não falam sua própria língua porque se envergonham de serem índios, só porque alguns brancos falam que o índio é pobre. Nós podemos ser pobres, mas nunca invadimos o que não é nosso, como fizeram os brancos quando encontraram nossa terra.

Nós índios temos que ser unidos temos que fazer uma tribo de Kaingang de verdade, temos que falar a língua indígena e mostrar que somos índios, temos que se orgulhar de sermos índios.

*João Cândido da Silva  
Área Indígena São Jerônimo*



*Eu Amo a Minha Raça*

Eu amo a minha raça  
Eu sou um pobre índio, de caça e pesca eu vivo.  
Eu mandava nesta grande terra, mas apareceu uma  
grande guerra.  
Minhas terras foram dividia,  
Hoje vivo em poucas terras, escondido lá na serra.  
Eu não tenho nenhuma profissão , eu só tenho uma  
tradição, que é dançar e cantar.  
Eu sou um índio pobre, minha experiência nunca sobe.  
Mas eu não preciso porque sou do mato, eu nasci da  
terra e vivo no mato.  
Eu gosto de viver na floresta, porque é um lugar calmo e  
quieto, e lá eu vivo de caça e pesca.  
Eu amo o mato, eu amo o verde, eu amo a minha raça.

João Cândido da Silva  
*Área Indígena São Jerônimo*

***FOTOS ANEXAS***



Seminário de educação popular da Apeart Apresentação do nome e da logomarca do PERI pelas lideranças e professores indígenas Umuarama- 1997



Equipe de professores indígenas e não-indígenas do PERI

Curso de capacitação de ciências naturais para professores indígenas e não-indígenas do PERI  
13 à 19/02/98  
*Área Indígena de São Jerônimo da Serra.*



Curso de capacitação de Geografia para professores indígenas e não-indígenas do PERI

Trabalho de campo - visita a um laticínio em Londrina  
*alunos do PERI de 5ª à 8ª série*



Trabalho de campo - visita ao aeroporto de Londrina  
*Alunos indígenas de 5ª à 8ª série do PERI*

Trabalho de campo São Jerônimo da Serra





Etapa Intensiva de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série do PERI  
*Área indígena do Apucarantina*



Equipe do PERI de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup>  
*Lararyinha*



Equipe de professores indígenas  
do PERI

Formatura 1998 dos alunos do PERI  
5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série





MINISTÉRIO  
DA EDUCAÇÃO

